



JORNAL DA FRONTEIRA

Ano 34 - Edição N° 1802B - 27 de fevereiro de 2026.



GERAL

**Herança digital:
o que acontece
com seus dados
na internet após a
morte**

Página 02



GERAL.

Zoológico na Inglaterra realiza eutanásia simultânea de capivara e anta brasileira após anos de convivência

O Zoológico de Newquay, na região da Cornualha, sudoeste da Inglaterra, comunicou a morte de dois animais que dividiam o mesmo recinto havia anos: Johnson, uma capivara de nove anos, e Al Capone, uma anta brasileira de 20 anos. Segundo a instituição, ambos foram submetidos à eutanásia no mesmo dia, após avaliação clínica criteriosa da equipe veterinária, com o objetivo de preservar o bem-estar dos dois.

De acordo com o zoo, a decisão foi motivada pelo agravamento de problemas de saúde relacionados à idade. Em nota publicada nas redes sociais na última

sexta-feira (20), a direção informou que a medida foi considerada a alternativa mais humanitária diante do quadro clínico progressivo e da forte ligação entre eles.

Johnson e Al Capone conviviam no espaço dedicado à fauna sul-americana. Capivaras e antas são espécies de comportamento tranquilo e sociável, e, ao longo dos anos, desenvolveram um vínculo próximo, observado diariamente pelos tratadores.

Em comunicado oficial, o zoológico declarou: "É com profunda tristeza que anunciamos o falecimento de Johnson, nossa capivara de nove anos, e de Al, nossa

anta brasileira de 20 anos". A instituição acrescentou que a decisão foi tomada após consultas detalhadas com veterinários e especialistas em bem-estar animal.

A escolha pela eutanásia no mesmo dia levou em conta não apenas o estado de saúde individual, mas também o possível impacto da separação. A intenção, segundo os responsáveis, foi evitar que um deles enfrentasse isolamento após anos de convivência constante.

Um porta-voz do Newquay Zoo afirmou ao portal MailOnline que a despedida foi difícil para os funcionários. "Ambos eram membros

muito queridos da nossa comunidade zoológica, e sua ausência será profundamente sentida por equipe e visitantes", declarou. Apesar da dor, a medida foi considerada a mais adequada diante das circunstâncias.

Nos meses anteriores, os dois apresentavam sinais de declínio progressivo, com impacto direto na qualidade de vida, o que levou os veterinários a recomendar a intervenção.

Johnson nasceu em 2016 no Chester Zoo e foi transferido para Newquay em 2017. A capivara, originária da América do Sul, é o maior roedor do mundo e pode atingir até 65 quilos.

Animal semiaquático, vive próximo a rios e áreas alagadas.

Al Capone nasceu em 2005 e chegou à Inglaterra em 2014, vindo do Zoológico de Gdansk, na Polônia. A anta brasileira, também chamada de tapir, é o maior mamífero terrestre do Brasil e habita florestas densas e úmidas.

A eutanásia em zoológicos segue protocolos rigorosos e é baseada em critérios técnicos de bem-estar animal. Em casos de doenças crônicas, dor persistente ou perda significativa de qualidade de vida, pode ser indicada para evitar sofrimento prolongado.

A decisão reacendeu debates sobre manejo de animais em cativeiro e cuidados com espécies idosas. O Newquay Zoo afirmou que a prioridade sempre foi o bem-estar dos animais, e que a medida foi tomada com responsabilidade, após análises detalhadas.

A despedida simultânea marcou a equipe e visitantes. A história de convivência entre a capivara e a anta evidencia os desafios enfrentados por zoológicos no cuidado de animais idosos, reforçando o compromisso da instituição com práticas éticas no manejo da vida selvagem.

GERAL.

Herança digital: o que acontece com seus dados na internet após a morte

Perfis em redes sociais, fotos na nuvem e contas digitais podem permanecer ativos após a morte



Em um mundo cada vez mais conectado, a vida digital se tornou parte inseparável da identidade de milhões de pessoas. Fotos armazenadas na nuvem, perfis em redes sociais, canais de vídeo, contas de e-mail e até carteiras digitais compõem um patrimônio invisível, mas real. A questão que surge é direta: o que acontece com tudo isso quando alguém morre?

No Brasil, ainda não existe uma legislação específica que trate exclusivamente da chamada herança

digital. Na prática, isso significa que contas e conteúdos online podem permanecer ativos por tempo indeterminado, especialmente se não houver um responsável designado para administrar ou solicitar a exclusão dessas informações.

Especialistas em direito digital explicam que, após o falecimento, bens e direitos relacionados à vida online passam a integrar o espólio da pessoa. Essa herança digital pode incluir contas em redes sociais, arquivos

armazenados em serviços de nuvem, domínios de sites, assinaturas digitais, canais monetizados e até conteúdos profissionais mantidos na internet.

Serviços de armazenamento em nuvem — como Google Drive, Dropbox e OneDrive — concentram fotos, vídeos e documentos pessoais. Sem orientação prévia, esses arquivos podem continuar acessíveis ou simplesmente permanecer inativos, dependendo das políticas de cada empresa.

Na ausência de uma

lei específica, a herança digital é analisada com base em regras gerais do Código Civil, que trata da sucessão de bens, e na Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD). Isso significa que o acesso ou exclusão de informações dependerá da interpretação jurídica e das políticas internas das plataformas.

Projetos de lei em tramitação no Congresso buscam atualizar o Código Civil para criar regras mais claras, inclusive prevendo a figura do “inventariante digital”, responsável por administrar contas e conteúdos online após a morte.

Algumas empresas já oferecem ferramentas para que o próprio usuário determine o destino de seus dados. O Google, por exemplo, disponibiliza a função “Seu legado digital”, que permite indicar até dez pessoas para acessar ou baixar informações após determinado período de inatividade. O titular também pode optar pela exclusão automática da conta.

Esse tipo de planejamento evita conflitos familiares

e facilita decisões em um momento delicado. Além disso, já existem testamentos que incluem cláusulas específicas sobre a vida digital, orientando a desativação de perfis ou a preservação de determinados conteúdos.

O que cada rede social permite

As principais plataformas possuem políticas próprias para lidar com contas de pessoas falecidas.

Instagram e Facebook, administrados pela Meta, permitem transformar perfis em memoriais ou solicitar a exclusão da conta mediante envio de documentação comprobatória, como certidão de óbito. No caso de perfis memorializados, a conta permanece visível, mas deixa de aparecer em recomendações.

No **X (antigo Twitter)**, familiares podem solicitar a desativação por meio de formulário, enviando documentos que comprovem o falecimento e o grau de parentesco.

O **TikTok** também exige formulário e comprovação documental para exclusão ou memorialização, limitando o pedido a familiares.

O **WhatsApp**, por sua vez, não possui sistema específico de memorial. Segundo a empresa, contas são automaticamente apagadas após 120 dias de inatividade.

A permanência de dados online pode gerar questões emocionais, jurídicas e até financeiras. Perfis ativos podem continuar recebendo notificações, mensagens e marcações, enquanto conteúdos monetizados podem gerar receitas sem que herdeiros saibam como administrá-las.

Organizar a herança digital não é apenas uma questão técnica, mas também uma medida de proteção patrimonial e de respeito à memória. Em uma era em que a presença virtual se tornou extensão da vida real, planejar o destino das informações online é uma decisão cada vez mais relevante.



IMPrensa Oficial

DIÁRIO DE GRANDE CIRCULAÇÃO

Publicação de atos oficiais, editais, decretos, avisos de licitações, súmulas, atas, desmembramentos e outras publicações legais.

RCO COMUNICAÇÕES LTDA - Fundação: 19/02/1993 - CNPJs: nº 68.821.735/0001-10 | nº 68.821.735/0002-09
 atosoficiaisjr@hotmail.com - artes@jornaldafronteira.com.br



RCO COMUNICAÇÕES LTDA - Fundação: 19/02/1993.
 CNPJ nº 68.821.735/0001-10 - Barracão - Paraná
 CNPJ nº 68.821.735/0002-09 - Dionísio Cerqueira - Santa Catarina
 Telefone/WhatsApp: (49) 3644 - 1724 / (49) 9.8409-0431

SERIEDADE E CREDIBILIDADE
 Bissemanal - terça e quinta
 3.000 exemplares por edição.

ASSINATURAS ICP-BRASIL

Documento assinado digitalmente conforme
 MP nº 2.200-2 de 24/08/2001, que institui a
 Infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil.

ANUNCIE NO JORNAL, NOS PROGRAMAS OU NOS MEIOS DIGITAIS

(49) 3644 - 1724

E-mail Geral
 jornaldafronteiranoticias@gmail.com
(Para assuntos de redação, matérias, coberturas, publicações no site e nas redes sociais)

E-mail Administrativo
 diretor@jornaldafronteira.com.br
(Para assuntos administrativos, contratos e jurídicos)

E-mail Comercial
 comercial@jornaldafronteira.com.br
(Para assuntos comerciais, orçamentos e financeiros)

E-mail Editais
 atosoficiaisjr@hotmail.com
(Para assuntos sobre artes gráficas e publicações de editais)

Diretor Executivo:
 Luiz C. Veroneze
 (MTB 9830/PR)

Diretora Comercial:
 Tatiane Montagner

Publicidade Legal: É um ato técnico/obrigatório. Publica-se editais, atas e balanços para atender à lei, evitando multas e garantindo conformidade.



JORNAL DA FRONTEIRA

VENDE-SE

JORNAL VELHO

R\$ 8,00 reais o kg

Rua Bahia, 154 – Centro, Barracão
Na porta entre a Sport Center e o
Consultório do Dr. Carlos Maran

ARQUEOLOGIA.

Arqueólogos descobrem tumbas do Antigo Império em Aswan

Escavações em Qubbet el-Hawa, no Alto Egito, revelam tumbas do Antigo Império reutilizadas em períodos posteriores, com vasos hieráticos, espelhos de bronze e amuletos

Uma nova descoberta arqueológica no Alto Egito amplia o entendimento sobre práticas funerárias e continuidade cultural ao longo de séculos. Escavações na necrópole de Qubbet el-Hawa, em Aswan, revelaram tumbas escavadas na rocha que remontam ao Antigo Império (cerca de 2649–2150 a.C.), posteriormente reutilizadas no Primeiro Período Intermediário e no Império Médio. O achado reforça a importância da região como centro administrativo e religioso ao longo da história faraônica.

Segundo informações divulgadas por autoridades do Conselho

Supremo de Antiguidades do Egito, as estruturas apresentam poços verticais e câmaras funerárias típicas da arquitetura funerária do período. A reutilização dos espaços ao longo de gerações evidencia a permanência do local como área sagrada e estratégica no sul do país.

Um dos destaques da descoberta foi a identificação de aproximadamente 160 vasos de cerâmica em duas câmaras funerárias. Muitos deles contêm inscrições em escrita hierática — forma cursiva derivada dos hieróglifos utilizada para registros administrativos e religiosos.

A presença dessas inscrições sugere que os

recipientes não tinham apenas função ritual, mas também prática, possivelmente ligados ao armazenamento de grãos e líquidos destinados a oferendas ou ao sustento simbólico do falecido na vida após a morte. O volume encontrado indica organização e planejamento nos rituais funerários.

No pátio externo de uma das tumbas, arqueólogos recuperaram objetos associados ao Império Médio (cerca de 2030–1640 a.C.), como espelhos de bronze, recipientes de alabastro para kohl — substância usada na maquiagem egípcia — além de colares de contas e amuletos.

Esses itens confirmam



que as tumbas passaram por reocupação em períodos posteriores, prática relativamente

comum no Egito Antigo. A reutilização pode ter ocorrido por razões econômicas, religiosas

ou estratégicas, especialmente em áreas já reconhecidas como espaços sagrados.

SAÚDE.

O distúrbio alimentar que leva à ingestão de objetos e substâncias não comestíveis

Conheça a síndrome de pica, transtorno alimentar caracterizado pela ingestão de substâncias não nutritivas



Comer papel, terra, giz, sabão, carvão ou até pedaços de tijolo pode parecer impensável para a maioria das pessoas. No entanto, para quem convive com a chamada síndrome de pica — também conhecida como alotriofagia — esse comportamento pode se tornar recorrente e difícil de controlar. O transtorno é classificado como um distúrbio alimentar e envolve o consumo persistente de substâncias não nutritivas por pelo menos um mês.

O nome popular faz referência ao pássaro pega-rabuda (Pica pica), conhecido por ingerir diferentes tipos de objetos. No campo da psiquiatria, o quadro está descrito no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) como uma condição que pode comprometer a saúde física e afetar a vida social e emocional do indivíduo.

A principal característica é a ingestão repetida de materiais que não são

considerados alimentos. Entre os itens mais relatados estão terra, argila, gelo, pó de talco, tinta, cabelo, barbante, papel, pedras, metal e carvão. Em alguns casos, alimentos comuns passam a ser consumidos de maneira compulsiva e isolada, como grandes quantidades de amido ou farinha.

O comportamento precisa ultrapassar a fase esperada do desenvolvimento infantil — já que crianças pequenas costumam levar objetos à boca — e persistir além dos dois anos de idade para ser considerado transtorno.

A síndrome de pica costuma estar associada a deficiências nutricionais, especialmente de ferro e zinco. Em mulheres grávidas, por exemplo, o aumento da demanda por nutrientes pode estar relacionado ao surgimento do comportamento. Ainda

assim, especialistas apontam que fatores emocionais e psicológicos também exercem influência.

O transtorno pode aparecer em pessoas com autismo, esquizofrenia, deficiência intelectual ou em quadros de ansiedade, depressão e transtorno obsessivo-compulsivo. Fragilidade emocional e falta de suporte adequado também são apontadas como fatores de risco.

Em alguns relatos clínicos, pacientes relatam desejo intenso por determinados materiais durante períodos de estresse ou alterações hormonais. Há casos em que o comportamento desaparece após a correção da deficiência nutricional.

A ingestão de substâncias não alimentares pode provocar intoxicações, obstruções intestinais,

perfurações no trato digestivo e danos aos dentes e ao esôfago. Materiais tóxicos, como tinta ou metais pesados, podem causar envenenamento, enquanto objetos sólidos podem gerar lesões graves.

Além disso, o consumo frequente desses materiais pode comprometer ainda mais a absorção de nutrientes, criando um ciclo em que a deficiência alimentar tanto provoca quanto agrava o transtorno.

O diagnóstico é clínico e feito por profissionais de saúde mental, geralmente psiquiatras e psicólogos. É necessário avaliar a frequência do comportamento e descartar causas médicas associadas. Exames laboratoriais costumam ser solicitados para identificar possíveis carências nutricionais.

Não existe um protocolo único

de tratamento. A abordagem costuma ser individualizada e pode envolver correção de deficiência de ferro ou zinco, acompanhamento psicológico e, quando necessário, uso de medicamentos — especialmente se houver outro transtorno psiquiátrico associado.

A psicoterapia desempenha papel central no processo, ajudando o paciente a compreender gatilhos emocionais e desenvolver estratégias de controle do impulso.

Muitas pessoas com síndrome de pica sentem vergonha de relatar o comportamento, o que pode atrasar o diagnóstico e aumentar os riscos. Especialistas reforçam que a condição é tratável e que a busca por atendimento médico é fundamental para evitar complicações.

VARIEDADES.

Jaqueta de Dinho, dos Mamonas Assassinas, é encontrada intacta após 30 anos

Jaqueta deixada sobre o caixão de Dinho, vocalista dos Mamonas Assassinas, é encontrada preservada 30 anos após o enterro. Especialista explica por que o nylon pode levar até 200 anos para se decompor



Três décadas após o trágico acidente aéreo que vitimou os integrantes dos Mamonas Assassinas, um fato chamou a atenção durante a exumação do corpo de Dinho, vocalista da banda. A jaqueta azul colocada como homenagem sobre o caixão do cantor, no momento do sepultamento em 1996, foi encontrada praticamente intacta. O episódio gerou surpresa e levantou questionamentos nas redes sociais, mas a explicação para a preservação da peça está longe de qualquer interpretação mística.

A banda Mamonas Assassinas morreu em março de 1996, em

um acidente aéreo que marcou a história da música brasileira. No dia do enterro, familiares, amigos e membros da equipe prestaram homenagens. Entre elas, uma jaqueta azul utilizada pela equipe técnica do grupo, estampada com o emblema da banda, foi colocada sobre o caixão de Dinho como símbolo de carinho e reconhecimento.

Recentemente, os corpos dos integrantes estão passando por exumação. Parte das cinzas será destinada a um projeto no Jardim BioParque Memorial, em São Paulo. Foi durante a abertura da área onde Dinho estava sepultado que a peça

de roupa reapareceu, surpreendendo familiares e profissionais presentes.

A conservação da jaqueta por 30 anos tem uma explicação científica clara: o material. A peça era confeccionada em nylon, uma fibra sintética derivada do petróleo. Diferentemente de tecidos naturais como algodão, linho ou lã, que são biodegradáveis e se decompõem com maior rapidez, o nylon pertence à categoria dos plásticos e apresenta alta durabilidade.

De acordo com especialistas da área têxtil, o nylon é um dos materiais mais resistentes amplamente utilizados na indústria da moda. Sua estrutura química é estável e

pouco suscetível à ação de microrganismos. Isso significa que, mesmo sob condições ambientais adversas, o processo de degradação ocorre de maneira extremamente lenta.

O professor Fabrício Stocker, pesquisador da cadeia produtiva da moda, destaca que roupas feitas com esse tipo de fibra podem levar até 200 anos para se decompor completamente. Em ambientes naturais, a exposição ao sol, à umidade, ao oxigênio e à ação de bactérias influencia no ritmo de desgaste. Ainda assim, o período estimado é de séculos.

No caso da jaqueta de Dinho, as condições eram ainda mais favoráveis à preservação. Enterrada e protegida da luz solar direta, a peça permaneceu em um ambiente relativamente isolado, sem grande circulação de ar e sem exposição contínua à umidade variável. Esses fatores contribuíram para retardar ainda mais o processo de deterioração. Segundo especialistas, dentro desse contexto, 30 anos representam um intervalo curto.

A descoberta reacendeu discussões sobre a durabilidade dos materiais sintéticos e seus impactos ambientais.

Nylon e poliéster, ambos derivados do petróleo, continuam entre as fibras mais utilizadas na indústria têxtil global. Embora sejam valorizados por resistência, leveza e versatilidade, apresentam um desafio significativo quando descartados, pois permanecem no ambiente por décadas ou séculos.

Mesmo em aterros sanitários, onde há compactação e interação química entre resíduos, a decomposição de fibras sintéticas ocorre lentamente. A falta de oxigenação adequada e as condições controladas podem alterar o processo, mas não aceleram substancialmente a degradação de plásticos como o nylon.

A situação evidencia uma realidade pouco discutida: muitas peças de roupa sobrevivem muito além da vida útil planejada ou mesmo da vida de seus proprietários. A indústria da moda opera com ciclos rápidos de tendências, mas os materiais utilizados não acompanham esse ritmo no meio ambiente.

No caso específico da jaqueta dos Mamonas Assassinas, o simbolismo do objeto se soma à explicação científica. O que parecia, à primeira vista, um fenômeno

incomum, revela-se consequência direta das propriedades químicas do nylon e das condições de conservação subterrânea.

O episódio também reforça o debate sobre sustentabilidade na moda e o destino de resíduos têxteis. Especialistas apontam a necessidade de ampliar pesquisas sobre fibras biodegradáveis e incentivar práticas de consumo mais conscientes.

Trinta anos após a perda que marcou o país, a lembrança material preservada sob a terra reacende memórias de uma banda que conquistou o Brasil com irreverência e carisma. A jaqueta intacta não representa um mistério, mas sim um exemplo concreto da longevidade dos materiais sintéticos — um fenômeno científico que atravessa gerações.

Enquanto o processo de exumação segue conforme planejado, o achado reforça como ciência e memória podem se cruzar em circunstâncias inesperadas. O que permaneceu preservado não foi apenas uma peça de roupa, mas também um capítulo da história cultural brasileira.

Entre polêmicas e reviravoltas, Pânico 7 estreia sob pressão e divide o público

A estreia de Pânico 7 nos cinemas brasileiros ocorre em meio a um cenário incomum até mesmo para uma franquia acostumada a reviravoltas. O sétimo filme da saga de terror chega às telonas cercado por controvérsias nos bastidores, mudanças de elenco e reformulações que alteraram significativamente o rumo da história.

O que deveria ser apenas mais um capítulo da renovação iniciada nos filmes anteriores acabou se transformando em um projeto reconstruído quase do zero. A sucessão de acontecimentos nos últimos

meses colocou o longa no centro de debates nas redes sociais e reacendeu discussões sobre liberdade de expressão, posicionamentos políticos e decisões de estúdios.

A primeira grande ruptura ocorreu quando Melissa Barrera, protagonista dos dois filmes anteriores, foi desligada do projeto. A decisão do estúdio aconteceu após declarações públicas da atriz sobre o conflito no Oriente Médio. Em comunicado, a produtora afirmou adotar política de tolerância zero contra manifestações consideradas antissemitas.

Com a saída de Barrera, o arco da personagem Sam Carpenter — que vinha conduzindo a nova fase da franquia — foi encerrado de forma abrupta. A repercussão foi imediata, dividindo opiniões entre fãs e ampliando a pressão sobre o estúdio.

Pouco depois, Jenna Ortega também deixou o elenco. Inicialmente atribuída a conflitos de agenda, a decisão ganhou novos contornos quando a atriz indicou que o cenário criativo havia mudado após as demissões. Ortega e Barrera haviam liderado os capítulos anteriores, sendo responsáveis por atrair uma nova geração ao

universo da saga.

A perda das duas protagonistas representou um desafio narrativo significativo, obrigando a equipe a repensar o centro da trama.

Outra mudança importante foi a saída do diretor Christopher Landon. Ele declarou que o projeto, inicialmente encarado como uma oportunidade profissional marcante, tornou-se um processo turbulento, especialmente após as controvérsias envolvendo o elenco.

Para reorganizar a produção, o estúdio recorreu a Kevin Williamson, roteirista do filme

original de 1996 e criador da franquia. Pela primeira vez, ele assumiu a direção do longa e desenvolveu um novo roteiro ao lado de Guy Busick, descartando a proposta anterior.

A reformulação abriu espaço para o retorno de Neve Campbell como Sidney Prescott, personagem central da saga clássica. Ausente no sexto filme por questões contratuais, a atriz volta a ocupar posição de destaque na narrativa. Courteney Cox também retorna como Gale Weathers.

No enredo reformulado, Sidney tenta manter distância dos traumas do passado, mas

volta a enfrentar ameaças quando um novo Ghostface surge e coloca sua família em risco. A escolha de resgatar a protagonista original foi vista por parte do público como tentativa de reconectar o filme às raízes da franquia.

Ainda assim, movimentos de boicote surgiram nas redes sociais em apoio a Melissa Barrera. O clima de polarização adiciona um elemento extra à estreia, que agora depende não apenas do apelo nostálgico, mas também da capacidade de reconquistar a confiança do público.